

Àdùké Ose (leia “adué oxé”)¹

Beto Vianna

E a moça linda que muito moça rebailava entre véus de seda a dança sensual do Oriente, desorientada e já mais velha (mas não menos moça), deu de se encontrar na noite ardente da África equatorial e ali foi rebatizada Àdùké Ósè (leia “adué oxé”), que em iorubá quer dizer duas e, se nos fiássemos na desnecessariamente analítica língua portuguesa, três coisas: “aquela que todos querem bem” e “sabão”. Aquela que todos querem bem... e sabão? Onde estão esses africanos com a cabeça para dar a alguém um nome assim composto? Eis a pergunta e, de quebra, um guia para a resposta.

É de fato a cabeça – ori, em língua materna – que guia parte da política de nomes iorubá. Principalmente, os nomes dados já na maturidade (no caso da moça, na mocidade) da pessoa. Pois há os nomes de berço, e até os pré-natais. Esses dependem das condições de nascimento. Chegou com o cordão amarrado no pescoço? Tem que se chamar Ainá, se moça, ou Ojo, se é moço. Se é gêmea-gêmeo, vai se chamar ou Taiuô, ou Keindê (nesse caso, a depender não do sexo, mas da ordem em que veio ao mundo).

Voltando aos “nomes de cabeça” – oriki, em língua materna –, na fundamental cerimônia do nome, parentes e amigos dão ao nomeado um nome de homenagem, que tem ida e tem volta: tanto serve pra fazer a cabeça da criança no correr da vida afora, quanto o nome é, por assim dizer, tirado de dentro da cabeça dela: a cabeça é a sentença do nome. Isso porque (dizem os iorubás) a cabeça do bicho humano não é feita só neste mundo, no aiê, já aterrissa por aqui com o ase (leia “axé”) trazido do outro mundo, do além, do orum.

Mas o assunto aqui era a moça, né? Pois então. Os africanos semeiam seus orikis não só na cabeça dos africaninhos, mas também na cachola de adultos vindos de fora que, por terem passado a vida fora, não tiveram a oportunidade de viver, cedo na vida, a fundamental cerimônia do nome. Foi o que sucedeu à moça. Desembarcou na África já moça e ganhou um nome tardio, um nome de cabeça: Àdùké Ose, Aquela-que-todos-querem-bem Sabão.

¹ Publicado em RAMALHO, Christina; PASCALE, J. G (org.). *Gente (Crônicas)*. Rio de Janeiro: Oficina, 2015. ps. 92-94

Vou dizer o que realmente acho. Acho que os africanos, não muito certos do ori que a moça trouxera do orum, deram à moça um nome (ou binômio) conforme eles entreviram a moça, do jeito que farejaram o seu ori. Não tiveram que ser assim tão sábios para acertar, na mosca e na moça, o primeiro termo da parelha, Àdùké. A moça é a olhos vistos um prodígio encantatório, distribui charme como se desse milho aos pombos, põe o mundo marchando atrás dela como ratos atrás do flautista, e sem soar meia nota sequer, basta meio-sorrir. Ou olhar no olho da gente com aquela sua mirada mole de infância. Gostar de Àdùké, como tudo o que de fato é gosto, não se discute. É até obrigação.

Mas e Ose? E o sabão?

É aqui, caro leitor, que nos devemos render à sapiência máxima da Mama África, sabedoria original raiz enterrada nas origens mais profundas da aurora psíquica do bicho humano, e só decifrável nas artimanhas dos sacerdotes de Ifá (privilégio inalienável, dentre todas as gentes africanas, do povo iorubá).

Quererem todos bem à moça não quer dizer que querer é poder. Ose escorrega. A moça é sabão. Quando alguém pensa que agarrou bem firme, lá vai Ose deslizando desgarrada, espremida como uma espinha pelo próprio ato fechatório da mão, as propriedades saponáceas ativadas por tudo que cerca, por tudo que tolhe, por tudo que insiste em ser tudo demais.

E isso não é tudo.

O mesmo princípio ativo que faz a moça-sabão escorregar, serve também pra limpar a gente. Perde-se a moça, limpam-se os dedos. A água do banho não vai embora com o bebê. Ose lava a gente, tira aquele sujo encracado de anos e anos de patriarcado encardido, e ninguém precisa morrer por causa disso. A assepsia é pro-biótica. Descontamina sem esterilizar. E ainda perfuma, acredita?

E por onde anda hoje em dia Àdùké Ose? Felizmente, perfume deixa rastro. Aquela moça por todos bem quista, esguviada e desinfetante, carrega agora (ao menos enquanto escrevo este escrito) outro ori em seu bucho, prenúncio da maturidade matrona da maternidade, a fazer da moça uma moça mais velha, mas de modo algum, menos moça. E o orizinho já vem de cabeça feita, dizem os iorubás.